

CONSTRUINDO UMA USINA, FORJANDO HOMENS E GESTANDO UMA CIDADE.

Leonardo Ângelo da Silva *

Resumo: A pesquisa visa uma abordagem da formação da classe trabalhadora em Volta Redonda (1941-1964) relacionada com a construção da urbanidade local. As experiências do mundo do trabalho e da luta sindical serão estudadas paralelamente as demandas urbanas e a formação da arena política-partidária na região. O processo de emancipação de Volta Redonda se torna relevante: a) por ser o grande momento de imbricação entre urbanidade e política; b) por ser revelador do quão complexa era a política-partidária em relação aos trabalhadores-eleitores. Volta Redonda cidade majoritariamente operária, forjada pelo discurso trabalhista e emancipada através das mãos de setores médios da população, tendo o PSD (Partido Social Democrático) como grande força política.

Palavras Chave: Cidadania, política, classe trabalhadora, emancipação.

Abstract: The research approach aims at training the working class in Volta Redonda (1941-1964) related to the construction of urban location. The experiences of the world of work and trade union struggle will be studied alongside the demands of urban and training party-political arena in the region. The process of emancipation of Volta Redonda is relevant: a) to be the great moment of overlap between urban and politic; b) to be indicative of how complex was the political party for workers voters. Volta Redonda, city mostly working, forged by labor and speech emancipated through the hands of middle sectors of the population, and the SDP (Social Democratic Party) as a major political force.

Keywords: citizenship, politics, working class, emancipation.

VOLTA REDONDA: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

Na conjuntura marcada pela inflexão na política do Estado Novo que Angela de Castro Gomes denominou “invenção do trabalhismo” (GOMES, 1988) é criada a Companhia Siderúrgica Nacional através do “Decreto-Lei nº 3002, de 30 de janeiro de 1941” (MOREL, 1989: 27). O processo de criação da Usina marcado pelo fluxo de um grande “contingente” de mão-de-obra migrante, coincide portanto com a implantação do discurso trabalhista que entre outras coisas positivou o trabalhador nacional, “ainda que não tivesse acesso à livre organização, o operariado de carteira assinada passou a ter direitos e sua dignidade finalmente acolhidas no ordenamento da República” (NEGRO, 2004:20).

Volta Redonda se constitui num estudo de caso intrigante devido à constituição do espaço urbano como terreno de ação política naquele período. Em que o espaço urbano e

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e bolsista pela [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior](#) (CAPES).

fabril se articulavam como duas vertentes complementares, revelando que as estratégias utilizadas nos bairros e nos próprios lares dos trabalhadores eram tão importantes como o processo de trabalho em si. Essa dinâmica realizada para suprir as necessidades, às vezes básicas, da classe operária revela a dimensão da “insegurança estrutural” (SAVAGE, 2004:33)¹ que a envolve, geradora de estratégias de superação com a participação e interação de outras classes sociais e representações políticas, como no “sistema político populista”. Este engendra uma análise da classe operária em suas mudanças internas relacionando-as às transformações de outros seguimentos, outras classes sociais, possibilitando alianças entre esses grupos sem que os trabalhadores permanecessem passivos e subordinados aos líderes carismáticos do período (FORTES, 2004: 439).

A cidade não existia antes da construção da CSN, que será concebida sob as rédeas do Estado e seu discurso trabalhista. Ao começar a ser construída no segundo semestre de 1941, possuía 762 trabalhadores ligados à usina e uma população de 2.782 habitantes que viviam em um meio rural e estavam ligados politicamente à cidade de Barra Mansa, cujo oitavo distrito viria a abrigar a CSN. A região só consegue sua emancipação política em 1954 quando a CSN já possuía um efetivo de 11.089 trabalhadores em uma população de 56.380 habitantes, 90% (ADESG, 1971: 18. MOREL, 1989:52) dos quais no núcleo urbano.

A dinâmica de crescimento era controlada, Volta Redonda seria encarada como um “Estado em miniatura” (LASK, 1991:12), uma cidade operária que será construída para receber a mão de obra, em que leis, regras e até mesmo um forte aparato policial possuirão diretrizes ditadas diretamente pelos representantes do Estado. Durante os primeiros anos de formação desta cidade e do agrupamento desta mão-de-obra “o desconforto era absoluto” (LASK, 1991:72), situação agravada pelo fato de que o período de construção da CSN coincide com o da Segunda Guerra Mundial. Naquele período de economia de guerra “as pessoas pertencentes a fábricas consideradas de interesse militar não poderiam largar o serviço por mais de 8 dias, sob pena de serem considerados desertores” (MOREL, 1989: 84). Ser funcionário da CSN era ser um soldado da produção de aço para a defesa da pátria.

O discurso trabalhista caminhava ao lado de práticas repressivas, voltadas contra reais ou supostas mazelas que esses trabalhadores traziam consigo. Um grande aparato foi formado, no qual, paternalismo como era característico, “clientelismo e mandonismo, espionagem e polícia, propaganda e truculência eram cartas no baralho” (NEGRO, 2004: 22). Assim, uma

¹ Reflexo da vida da classe trabalhadora se comparada a outras classes, pois esta não possui recursos próprios e enfrenta uma maior situação de insegurança social e econômica em seu cotidiano.

forte pressão estatal de controle, domínio político e inclusão em uma “cidadania regulada”² (SANTOS, 1987) marcou a classe trabalhadora formada para a construção e operação dentro da CSN. Por outro lado, diante da avaliação presente em grande parte da historiografia de que o trabalhismo “serviu (...) para a constituição de uma máquina política em benefício de petebistas e comunistas”³ (NEGRO, 2004:25), é no mínimo curioso o fato de que na vida política de Volta Redonda, iniciada formalmente em 1955 após sua emancipação da cidade de Barra Mansa, não encontremos nenhum prefeito do PTB embora o mesmo tenha uma vida extremamente ativa no Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda⁴ disputando espaço com o PCB, desde antes da emancipação até o golpe de 64. Achamos que uma análise reveladora para esta questão deve objetivar a formação da vida política da cidade, apreciando a dinâmica interna das classes sociais, a interatividade entre elas, o modo como a classe trabalhadora se articulava em relação às outras classes.

De acordo com o raciocínio empregado até aqui não poderemos encarar a moldagem proposta pelo Estado como o caminho linear a ser seguido pela classe trabalhadora. Esta não deve sua formação à mão de grandes líderes carismáticos, respondendo posteriormente nas urnas (após a legalização dos partidos) com votações em massa no partido forjado e representante da política trabalhista (PTB – Partido Trabalhista Brasileiro). Uma de nossas intenções é traçar um panorama político da cidade e situá-lo em relação a um problema central no debate historiográfico do período: A relação entre populismo e trabalhismo.

Pioneira na proposição da categoria trabalhismo como alternativa a “populismo”, Angela de Castro Gomes explica o uso desta categoria de análise por querer recusar

“radicalmente as idéias de uma classe trabalhadora passiva e sem ‘uma verdadeira consciência’, sendo, por isso, manipulada e enganada por políticos cínicos e inescrupulosos que, sem bases partidárias fundavam sua representatividade em prestígio pessoal. Por outro lado, queria enfatizar as idéias de uma classe trabalhadora sujeito de sua história, que se relaciona com políticos cujas bases de atuação excediam o personalismo e se combinavam com instituições partidárias e sindicais, e também com políticas públicas de alcance social, em parte implementadas. Enfim queria destacar a existência de uma relação dinâmica entre Estado e classe trabalhadora, em que idéias e práticas nela contidas são permanentemente reinventadas através do tempo.” (GOMES, 2002:59).

² Em que um indivíduo se tornaria cidadão ao ter sua carteira de trabalho, ou seja, ao se tornar um trabalhador urbano. Desta forma estaria incluso na dinâmica de leis e direitos, implementada pelo Estado, e todos os “benefícios” oferecidos pelo mesmo.

³ Segundo Negro: “Ao inventar o trabalhismo, seu criador relaxou as rédeas do controle repressivo e exortou à participação. Esta, no entanto, trazia um corpo estranho, o PCB”.

⁴ O nome oficial é Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa, Volta Redonda, Resende e Barra do Pirai, mas utilizaremos o nome mais encontrado na bibliografia: Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR).

Não discordamos de que o trabalhismo tenha exercido poder sobre a classe trabalhadora e sobre a esfera política, o projeto político trabalhista era realmente “expresso pelo PTB” pois “o PTB veio a lograr grande aceitação entre os trabalhadores urbanos de várias partes do país” (FORTES, 2004: 437), mas acreditamos que a categoria trabalhismo não dá conta do período dito populista. Aliás, algumas ambigüidades encontradas no trabalhismo, como incutir no operariado “um convite à ação, à manifestação, ao voto, à sindicalização, à defesa da legislação social mais avançada do mundo, a CLT”, era acompanhada por questões controladas pelo Estado, como a do âmbito sindical, em que “muitos sindicatos se restringiam a preencher papelada, aqueles que haviam saído do papel” (NEGRO, 2004: 26), pois necessitavam da autorização do Estado para se constituírem.

Weffort, um dos primeiros a relativizar o conceito de populismo, não o caracterizando apenas como um instrumento para a dominação, deixava patente em 1978 que “o populismo é algo mais complicado que a mera manipulação e sua complexidade política não faz mais que ressaltar a complexidade das condições históricas em que se forma” (WEFFORT, 1978: 62), ou seja, já se tinha a preocupação de relativizar pareceres que colocavam a população como massa “manipulada e enganada por políticos cínicos e inescrupulosos”. Ademais, já em outra obra, demonstra uma questão problemática do período: uma “debilidade congênita”, pois a pressão sobre o Estado feita pela mobilização popular “encontrava-se, direta ou indiretamente comprometida com o governo e, através dele, com as instituições vigentes que a própria pressão popular ameaçava.(...)” (WEFFORT, 1983:10). Além da estreita relação entre Estado e mobilização “de massas”, Weffort já ensaiava a possibilidade da classe trabalhadora ter assumido papel de aliada de outras classes. Sobre esta situação Paulo Fontes considera que John French “procura aprofundar o breve insight weffortiano de alianças policlassistas como eixo explicativo para as relações entre trabalhadores, Estado, classes médias e burguesia naquele período” (FONTES, 2008:30). Porém consideramos que Weffort realizava suas obras com grande caráter ensaístico já superado em pesquisas mais recentes que se embasam em trabalhos mais empíricos⁵.

Importante obra nesta discussão teórica, “O populismo e sua História” que possui Jorge Ferreira como organizador, problematiza (no plano do debate acadêmico) populismo e trabalhismo. Os artigos publicados na obra vão desde aqueles que se recusam a utilizar o conceito de populismo por verem nele manipulação, cooptação, mistificação e demagogia, como apresenta balanços que positivam e validam o uso do mesmo (até sob nova ótica).

⁵ Como exemplos podemos citar a obra de FONTES, 2008; FORTES, 2004.; e FRENCH, 2001.

Gostaríamos de nos deter mais atentamente à parte feita em conjunto por dois historiadores, Fernando Teixeira da Silva e Hélio Costa⁶.

Este artigo faz uma análise das interpretações acerca do populismo dentro da historiografia brasileira, apontando que as novas pesquisas tentam “compreender os trabalhadores nos seus próprios termos”, numa dinâmica maior entre “estrutura e ação” (COSTA e SILVA, 2001:216). Citando Daniel James comentam que a categoria populismo, de 1950 a 1970, pode ser vista como “um movimento cuja ideologia pregava a virtude da harmonia de classes,” com o compartilhamento de interesses dos trabalhadores com os da nação, mas tendo os primeiros sempre disciplinados, prontos a obedecer “ao Estado paternalista”. Deixando claro que estas questões “não eliminaram a possibilidade de resistência da classe operária nem ao surgimento de uma forte cultura de oposição entre os trabalhadores” (COSTA e SILVA, 2001:217). Para os autores os revisionismos do final da década de 70 e início de 80 não alterariam profundamente a compreensão do período de 1930-1964. Com a autonomia operária sempre navegando ao redor de ilhas, as “tradicionais instituições” de representação coletiva, tais como partidos políticos e burocratizados sindicatos (COSTA e SILVA, 2001: 221).

Os autores imprimem uma argumentação que ressalta a relação dinâmica entre contexto e sua influência sobre os novos olhares para a pesquisa histórica, tal o caso do divisor de águas na pesquisa sobre este tema: as greves no ABC paulista que imprimiram uma nova rodada de análises e experiências. A partir de então pesquisas sobre o sindicalismo na República Velha se tornariam mais interessantes que as do período pós-1930, pois a diversidade de lutas e organizações autônomas durante o primeiro período seria mais coincidente com a explicação para o Novo Sindicalismo, a divisão se tornava inevitável: “Novos e Velhos sindicalismos”⁷ passaram a existir na produção historiográfica. Volta Redonda não ficará fora desta nova rodada.

A maioria das produções sobre Volta Redonda está envolvida na análise do período nomeado “Novo Sindicalismo”⁸, em que o movimento sindical do Brasil e da cidade ganhavam “outros contornos, mais combativos e de maior agudeza no que se relaciona à

⁶ Os mesmos fazem aberta ressalva a colaboração de Paulo Fontes, Alexandre Fortes e Antonio Luigi Negro para implementação de suas análises, além de Michael Hall por seus estímulo e orientação.

⁷ A expressão foi utilizada por Badaró, em pesquisa na qual o autor demonstra, através das fontes produzidas pelos próprios sindicatos – jornais, revistas sindicais; relatórios de diretoria; atas de assembléia; reuniões de diretoria e de comissões; material de campanha das eleições sindicais; registros de associados; balanços financeiros; entre outras - que a imobilização e a organização sem a base não era a realidade de muitos sindicatos no estado do Rio de Janeiro. (MATTOS, 1998:13).

⁸ Ver, por exemplo GRACIOLLI, 1997; GRACIOLLI, 1999; MANGABEIRA, 1993; SANTANA, 2005. VEIGA e FONSECA, 1990.

mobilização dos trabalhadores”(GRACIOLLI, 1997: 52), claramente construído em contraposição ao período dito populista em que existiam direções sindicais que “representavam sérios limites à ação” (GRACIOLLI, 1997: 51), enquadradas como “sindicalismo burocrático” que surgiu sob “a influência das campanhas de sindicalização corporativas”. Mesmo admitindo que o sindicato não tenha

“(...) permanecido inteiramente passivo ao longo das décadas de 1940 e 1950, e tenha liderado movimentos importantes em defesa do reconhecimento dos direitos concedidos pela CLT, seus dirigentes organizaram o Sindicato segundo as normas estabelecidas pelo Ministério do Trabalho e relegaram a um segundo plano a militância direta e a organização dos trabalhadores”. (MANGABEIRA, 1993: 75).

As pesquisas, ao colocarem o Novo em contraposição ao Velho, deixam obscuros outros pontos: o novo sindicalismo se torna uma *nova ilha* pois aparentemente os movimentos sociais circularão ao redor dos sindicatos; há um esmaecimento da dinâmica das relações sociais dentro do período dito populista. Contrapondo-nos a esta visão pretendemos com o capítulo que através destas linhas se vê iniciado objetivar um panorama geral entre sociedade e política, para a cidade de Volta Redonda, priorizando a construção do mundo urbano de 1941-1964, tendo por base algumas produções historiográficas sobre a cidade e a CSN⁹.

Ao iniciar esta empreitada, principalmente após as leituras de autores como Alexandre Fortes, John French e Paulo Fontes pude notar que a metodologia que utilizam poderia nos ajudar, pois fugindo das polaridades anteriormente citadas há como construir um “modelo interativo de classe social” em que a interação entre as classes e não a subordinação entre elas possa fazer parte da análise, além da valorização da vida cotidiana para a compreensão deste período e suas relações. Este tipo de análise pode inspirar um olhar diferenciado para entender “como que uma contraposição ao poder da Companhia se apresentou de forma mais institucionalizada primeiramente entre os setores médios da população”(PEREIRA, 2007: 76) em meio a uma cidade operária. A emancipação da cidade parte das mãos destes setores médios que agiam através do PSD (Partido Social Democrático).

Casos como o citado acima nos levam a conceber este período para a cidade de Volta Redonda como período de grande imbricação entre as esferas política, jurídica e cultural, pois “apesar das desigualdades sócio-políticas das partes envolvidas, tal diferenciação não exclui a negociação no interior do sistema de alianças e disputas de acordo com os interesses em jogo” (COSTA e; SILVA, 2001: 230). Revelando a necessidade de uma análise que aborda de

⁹ Que são elas: MOREL, 1989); LASK, 1991; BEDÊ, 2004; BEDÊ, 2007; PEREIRA, 2007; OLIVEIRA, 2003; MOREIRA, 2005.

forma interativa a experiência dos trabalhadores com as demais classes sociais, uma “análise sócio-histórica do estudo da política”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMADOS DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (ADESG). *Ciclo de Estudos sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento. Influência da expansão da CSN na comunidade*. 1971.

BEDÊ, Waldyr Amaral. *Volta Redonda na Era Vargas (1941-1964)*. Volta Redonda: SMC/PMVR, 2004.

BEDÊ, Edgar. *Pedagogia do mundo do trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional: Americanismo, Compromisso Fordista e a formação da classe operária em Volta Redonda*. Tese (Doutorado em Educação). Campo de Confluência Trabalho e Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

COSTA, Hélio e SILVA, Fernando T. *Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes*. in: *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FORTES, Alexandre. *Nós do quarto distrito: A classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004

FRENCH, John D. *Afogados em leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

GAMA, Maria Cecília Fontainha de Almeida. *Sávio Gama: Fotos que contam a sua história*. Volta Redonda: PMVR/SMC, 2004.

GRACIOLLI, Edílson José. *Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve de 1988*. Uberlândia: Dissertação de Mestrado em História/Universidade Federal de Uberlândia, 1997.

_____. *Um Laboratório Chamado CSN – Greves, Privatização e Sindicalismo de Parceria (A trajetória do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda – 1989/1993)*. Campinas: Tese de Doutorado em Sociologia/Universidade Estadual de Campinas, 1999.

GOMES, Angela de Castro. Reflexões em torno de populismo e trabalhismo. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 28, p. 55-68, 2002.

_____. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice, 1988.

LASK, Cristiane Tomke. *Ordem e Progresso: A estrutura de poder na “cidade operária” da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (1941-1964)*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1991.

MANGABEIRA, Wilma. *Dilemas do novo sindicalismo: democracia e política em Volta Redonda*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

MOREIRA, Regina da Luz. *CSN: um sonho feito de aço e ousadia*. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação CSN, 2005.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A Ferro e Fogo – Construção e Crise da “Família Siderúrgica”: o caso de Volta Redonda (1941 –1988)*. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

NEGRO, Antonio Luigi. Paternalismo, Populismo e História Social. In: *CADERNOS AEL – Populismo e trabalhismo*. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v.11, 2004.

OLIVEIRA, Irene Rodrigues de. *Missão Cookie – Estado Novo e a implantação da CSN*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

PEREIRA, Sérgio E. Sindicalismo e Privatização: O caso da Companhia Siderúrgica Nacional. Tese (Doutorado em Ciências-Sociologia). PPGSA/IFCS/UFRJ, 2007.

SANTANA, Marco Aurélio. Uma cidade em movimento: trabalhadores e política em Volta Redonda (1980-1990) . In: In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História, - ANPUH (Simpósio Temático Trabalhadores, Cultura e Instituições de Classe), Londrina, UEL/ANPUH, 2005. Localização eletrônica: sindicalismo.pessoal.bridge.com.br/MarcoSantana2005.rtf, acessado em 9/10/07.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e Justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1987

SAVAGE, Mike. Classe e história do trabalho. In: Cláudio M. Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes (orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

VEIGA, Sandra Mayrink e FONSECA, Isaque. *Volta Redonda entre aço e armas*. Petrópolis: Vozes, 1990.

WEFFORT, Francisco Correia. *O populismo na política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WEFFORT, Francisco C.. Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade. In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.